

ROSANA PINHEIRO-MACHADO

AMANHÃ VAI SER MAIOR

**O QUE
ACONTECEU
COM O BRASIL E
POSSÍVEIS ROTAS DE
FUGA PARA A CRISE ATUAL**

 Planeta

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Rosana Pinheiro-Machado, 2019
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2019
Todos os direitos reservados.

O título deste livro foi concedido gentilmente pelos organizadores Giuseppe Cocco e Bruno Cava, autores do livro *Amanhã vai ser maior* (Editora Annablume, 2014).

Preparação: Marina Castro
Revisão: Vivian Miwa Matsushita e Diego Franco Gonçalves
Diagramação: Maria Beatriz Rosa
Capa: André Stefanini

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Pinheiro-Machado, Rosana

Amanhã vai ser maior: o que aconteceu com o Brasil e as possíveis rotas de fuga para a crise atual / Rosana Pinheiro-Machado. -- São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

192 p.

ISBN: 978-85-422-1814-5

1. Não ficção 2. Brasil - Política e governo 3. Brasil - Política e governo - História 4. Movimentos de protesto - Política - Brasil - História I. Título

192236

320.981

2019
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Para quem eu espero
que o amanhã seja maior:

João Gabriel

Pedro Henrique

Gabriel

Sofia



Planeta



PREFÁCIO 7

INTRODUÇÃO 11

PRELÚDIO 15

A FRAQUEJADA DO TOURO 17

A REVOLTA DOS 20 CENTAVOS 27

A REVOLTA DO ROÊ 43

A REVOLTA DA CAÇAMBA 53

ATO I O AVANÇO DA DIREITA 65

A ANTROPÓLOGA ALUCINADA 67

PROTESTO E PANELA GOURMET 73

APOCALIPSE SOBRE A TERRA PLANA 79

ÓDIO, SUBSTANTIVO MASCULINO 89

ATO II O RECUO DA ESQUERDA 95

DA ESPERANÇA AO ÓDIO 97

BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO 105

AS MALAS DO GEDDEL 111

BOLSONARO SABE MEU NOME 119

MANO BROWN AVISOU 125

ATO III BOLSONARISMO 133

ESPETÁCULO PARA O TIO DO PAVÊ 135

VA-GA-BUN-DO! 141

UBERMINION 147

ABAIXO A DITADURA DA BARANGA 153

BOLSOMINIONS ARREPENDIDOS 157

RÉQUIEM DA DESESPERANÇA 163

A REVOLTA DAS VEDETES 165

A EXTREMA-DIREITA VENCEU, AS FEMINISTAS TAMBÉM 169

AMANHÃ VAI SER MAIOR 177

ESPERANÇA, SUBSTANTIVO FEMININO 183





PREFÁCIO

Planeta

Não sei se todas as pessoas amadoras são engajadas, nem se todas as pessoas engajadas são amadoras. Este é um livro de uma escritora engajada e, especialmente, de uma amadora engajada na escrita. Rosana Pinheiro-Machado se apresenta como antropóloga e feminista; eu queria que ela aceitasse meu título de “amadora engajada”.¹ Ao pensar o papel dos intelectuais, Edward Said descreveu as amadoras, assim mesmo, no feminino, como aquelas que se movem pelo “cuidado e afeto” e recusam o olhar “estreito da especialização”.² Este é um livro de uma intelectual feminista que disputa a escrita da história sobre o que acontece na política brasi-

1. É o mesmo com o qual me descrevo, se isso servir de consolo à autora. Ver DUARTE, Cláudia Turner; TELLES, Cristina. Entrevista. *Publicum*. Rio de Janeiro, n. 2, pp. 1-12, 2016.
2. SAID, Edward. “Professionals and Amateurs”. In: _____. *Representations of the Intellectual*. Nova York: Vintage Books, 1994.

leira e global. É um livro que responde ao instante da perturbação no momento em que é vivida.

O livro tem uma questão, costurada por diferentes espaços e histórias do tempo presente. A pergunta foucaultiana “O que está acontecendo aqui?” é lançada diante de quem lê sobre a fraquejada do touro, a Revolta do Rolê, a Revolta dos 20 Centavos ou a Revolta da Caçamba. A resposta é um percurso sobre os movimentos antissistêmicos que ocuparam as ruas na última década, dos Estados Unidos a Hong Kong, do Brasil à Argentina.³ Rosana Pinheiro-Machado foge das respostas fáceis que podem sugerir causalidades entre as manifestações de 2013 e a eleição do presidente Jair Bolsonaro, e nos convida a pensar a complexidade das novas formas de mobilização coletiva, como a ocupação das escolas pelos secundaristas em São Paulo ou Porto Alegre e as coalizões instantâneas das redes digitais, como a que originou o Movimento Brasil Livre. Se não é possível traçar linhas únicas entre os jovens com guarda-chuvas de Hong Kong ou as meninas e mulheres com lenços verdes na Argentina, há um afeto que acompanha este livro: o da esperança feminista de que da aliança entre os corpos nas ruas possa surgir a transformação.⁴

As multidões sempre marcharam na história política dos povos. Marcharam simplesmente para ocupar as ruas, como um fim em si mesmo, ou como um meio para uma causa política. O livro não se ocupa das razões de cada multidão nas ruas, mas põe uma lupa no miudinho das pessoas comuns nas manifestações – o equipamento de Pinheiro-Machado é uma “cadeira de praia”, e o instrumento de pesquisa, a escuta cuidadosa. Foi assim que conversou com caminhoneiros e caminhou junto à “rapaziada” do morro para os shoppings nos rolezinhos. “As revoltas são ambíguas”, diz ela, e todas marcadas

3. ARRIGHI, Giovanni; HOPKINS, Terence; WALLERSTEIN, Immanuel. *Antisystemic Movements*. Londres: Verso, 1997.
ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. *Feminism for the 99%: a Manifesto*. Londres: Verso, 2019.
4. BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

pelo gênero do poder. Se a raiva bolsonarista é o patriarcado racista e colonial em ação, o movimento #EleNão é o feminismo plural.

Nas páginas que seguem, a autora expõe como os corpos se fragilizam nas assembleias. Pinheiro-Machado termina o livro em processo de migração pelo vazio que passou a viver nos espaços formais de intelectualidade no Brasil: é escritora incansável, participante de diálogos virtuais e comunidades reais de encontro ativista, porém insistentemente importunada pela transparência de seus posicionamentos políticos e teóricos.

Apresentar-se como uma intelectual engajada no feminismo não a torna menos “cientista”, se queremos a mística dessa categoria para a escrita em humanidades. Ao contrário, é exatamente por desnudar seu próprio posicionamento que Pinheiro-Machado se torna mais confiável no que diz: a pretensa neutralidade do cientista é uma fantasia do poder e dela abdicar é um gesto de honestidade intelectual. Daí a criatividade da escrita deste livro: entremeada à pesquisa de campo, está a voz de quem se espantava com o crescimento do ódio e das políticas fascistas com o bolsonarismo.

Se sua voz política vulnerabilizou sua permanência no país, o livro não é de alguém que se intimida fácil ou abdicou da esperança. É de uma feminista que participou do #EleNão pelas ruas e redes do país: como a autora, nenhuma de nós esquecerá esse momento. E sobre ele, há uma certeza no livro: #EleNão foi uma marcha como meio e fim. Mulheres diversas tinham uma causa em comum, o rechaço a Bolsonaro no poder. Mesmo com o resultado das urnas, houve um ganho político no movimento que não se desfez como as coalizões de instante nas redes. Há mulheres preocupadas com a justiça racial e de gênero na política, há mulheres comprometidas em garantir que a participação política seja pela palavra e pela presença.

Intencionalmente, um dos últimos capítulos do livro é sobre o movimento #EleNão. É do encontro da política nas ruas que nasce a esperança feminista da transformação. Assim como os corpos precarizados pela desigualdade que se rebelam, este livro é escrito por

uma feminista em busca de novas multidões para nos guiar na compreensão sobre o que se passa entre a gente comum que se reúne para protestar, marchar ou simplesmente coexistir.

Debora Diniz

Antropóloga, professora universitária da Universidade de Brasília (UnB), pesquisadora, escritora e documentarista brasileira





INTRODUÇÃO

Planeta

Desde as grandes manifestações de 2013, boa parte dos brasileiros possui uma única pergunta: o que está acontecendo com o país? Muitas pessoas se sentem em um trem desgovernado por causa de transformações profundas que o Brasil sofreu nos últimos anos, sem saber como *dar sentido, viver e combater* o caos diário.

Já existe uma vasta e qualificada produção que procura explicar esse momento da história brasileira que culmina na vitória de um candidato de extrema-direita – Jair Bolsonaro. A maioria dos livros, artigos de opinião e documentários sobre o colapso da nossa democracia traz uma análise institucional: o golpe, os partidos e a governabilidade, o presidencialismo de coalizão, o apoio da mídia na Lava Jato, as alianças e os interesses do impeachment, a atuação nada neutra do Judiciário na prisão de Lula, a força da indústria de *fake news* nas eleições etc. Essa é uma via fundamental de análise, mas

não a única. Muitos analistas consagrados, inclusive, apostaram até o último momento em uma possível regeneração do sistema político organizado ao redor do tradicional antagonismo PT-PSDB, considerando, portanto, Bolsonaro um fenômeno de nicho e de internet.

Mas essa não foi uma eleição normal que poderia ser explicada pela racionalidade do sistema político. Foi a eleição do colapso do sistema, do caos e das emoções à flor da pele. O entendimento disso passa não apenas pela elucidação do jogo das organizações e dos atores políticos tradicionais, mas necessariamente por tudo aquilo que acontece fora do radar institucional.

Os ensaios deste livro procuram ir além do teatro político organizacional, abordando aspectos sobre os quais tem se falado menos na explicação da ascensão do bolsonarismo. De um lado, a análise foca as pessoas comuns, os sujeitos de classes populares que tiveram suas vidas impactadas de maneira profunda pela crise multidimensional brasileira e que foram seduzidos pela mensagem bolsonarista. De outro, olha-se para os novíssimos movimentos sociais, fundamentalmente antissistêmicos, como a nova onda do feminismo que explodiu no Brasil no século XXI e as formas emergentes de luta anticapitalista, que se pautam pelas questões de raça, gênero e sexualidade e que o *mainstream* intelectual, majoritariamente composto por homens brancos, ainda se recusa a tratar com a devida importância.

Sem observar como as fissuras democráticas ocorreram no dia a dia dos cidadãos comuns e as criativas formas de resistência que afloram aqui e acolá, nós não conseguimos contar a história completa de como chegamos até aqui, tampouco pensar quais as possíveis rotas de fuga que temos hoje, de forma concreta.

Este é um livro que fala sobre a conjuntura nacional, procurando ordenar os acontecimentos políticos em uma sequência cronológica desde Junho de 2013. Mas este também é um livro que fala sobre esperança e sobre o futuro. Não existe resistência sem criatividade e, por isso, imaginar um novo futuro é uma tarefa da qual não podemos abrir mão.

De que lugar eu estou falando quando escrevo este livro? O primeiro lugar é o de antropóloga, professora e pesquisadora. Desde 2015, tenho lecionado disciplinas na pós-graduação no Brasil e na Inglaterra sobre a sociologia dos movimentos sociais. Mas, além disso, minha visão de mundo foi construída, sobretudo, a partir da pesquisa de campo a respeito das questões das classes populares – tema que comecei a estudar de forma crítica no ano de 1999 (ainda que a cultura popular tenha atravessado minha vida pessoal desde sempre). De 2009 a 2018, em particular, eu e minha colega e amiga Lucia Mury Scalco começamos a investigar a inclusão pelo consumo e a subjetividade política em uma das maiores periferias da cidade de Porto Alegre. Como resultado desse trabalho de longa duração, nós pudemos acompanhar como a crise econômica, que começou em 2014, afetou a vida das pessoas de baixa renda e ajudou a moldar suas visões políticas. Passamos a chamar essa pesquisa de “Da esperança ao ódio”, referindo-nos aos dois momentos opostos da história recente do país: crescimento econômico e recessão, lulismo e ascensão do bolsonarismo.

O segundo lugar do qual minha fala parte é o de intelectual pública e feminista. Desde as manifestações de Junho de 2013, tenho participado ativamente de eventos junto a coletivos diversos. Tenho ido às manifestações e falado para mulheres de diversos segmentos sociais, mas em particular para estudantes do Brasil todo. Nos últimos anos, viajei pelo país para dialogar com estudantes autônomos e organizações políticas. Minha aproximação com a juventude periférica de Porto Alegre e São Paulo tem sido fonte importante de inspiração também.

Se há um fio que costura minha atuação como acadêmica e intelectual pública é o gosto por gente de carne e osso, por suas histórias, contradições, agonias, seus afetos e sonhos. Tudo que aparece nas linhas que seguem vem desse exercício de escuta e do profundo respeito ao que cada pessoa tem a dizer sobre o país em que vive.

Além de trazer diversos ensaios inéditos, o livro também compila meus escritos desde 2013; no entanto, todos os textos aqui resgatados

foram bastante modificados, ampliados e atualizados. O ponto de partida são as colunas publicadas no meu portal⁵ e nos sites da *Carta-Capital* (2014-2017) e do *The Intercept Brasil* (2018-presente), para o qual, no nome do diretor-executivo Leandro Demori, deixo meu agradecimento a toda a equipe, em especial à Silvia Lisboa, minha editora e interlocutora. Há muito trabalho dela nestes textos. Também agradeço a Giuseppe Cocco e Bruno Cava, organizadores do livro *Amanhã vai ser maior: o levante da multidão no ano que não terminou* (Editora Annablume, 2014) por concordarem que esta fosse uma obra homônima. Enquanto o livro deles discute em profundidade as Jornadas de Junho de 2013, aqui tomamos as manifestações como um ponto de partida para entender o Brasil hoje.

De junho de 2013 à eleição de Jair Bolsonaro em 2018, o Brasil virou do avesso. A metáfora do teatro foi escolhida para pensar sobre essa transformação profunda que o país sofreu nos últimos tempos. O Prelúdio traz uma análise sobre o ativismo do século XXI, pautado pelo desejo de horizontalidade (a primavera global e as Jornadas de Junho de 2013), e o que chamo de “revoltas ambíguas”, as manifestações políticas e/ou os atos de ação coletiva que não possuem uma orientação ideológica clara em sua largada (os rolezinhos e a greve dos caminhoneiros).

O Ato I discute o avanço da direita desde 2014, antes de o bolsonarismo se consolidar. O Ato II é uma análise crítica do recuo da esquerda: na produção de um silêncio acerca de aspectos da corrupção e da segurança pública, por exemplo, na desmobilização do trabalho de base popular e na aposta na inclusão pelo consumo. O Ato III traz uma análise do bolsonarismo propriamente dito, em especial se apoiando na compreensão de seus eleitores. Por fim, o Réquiem da Desesperança procura dar visibilidade às formas de luta e resistência emergentes que eclodem por todos os lados, apontando um Brasil que, apesar de seu passado e seu presente autoritários, não se cansa de tentar reinventar um futuro de amor e solidariedade.

5. Você pode acessar o site no seguinte link: <<http://rosanapinheiromachado.com.br/pt/inicio/>>.